

Lorena Santiago Simas

# FOTOGRAFIA e EDUCAÇÃO

O papel das imagens na (re)produção de  
representações sociais do Semiárido





## Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho  
**Reitor**

Marcelo Duarte Dantas de Ávila  
**Vice-Reitor**



## Editora da Universidade do Estado da Bahia

### **Diretora**

Sandra Regina Soares

### **Conselho Editorial**

#### **Titulares**

Alan da Silva Sampaio  
Darcy Ribeiro de Castro  
Elizeu Clementino de Souza  
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel  
Jane Adriana Vasconcelos P. Rios  
Luiz Carlos dos Santos  
Maria das Graças de Andrade Leal  
Obdália Santana Ferraz Silva  
Reginaldo Conceição Cerqueira  
Rosemary Lapa de Oliveira  
Rudval Souza da Silva  
Simone Leal Souza Coité  
Hugo Saba Pereira Cardoso  
Valquíria Claudete Machado Borba

#### **Suplentes**

Agripino Souza Coelho Neto  
Célia Tanajura Machado  
Eduardo José Santos Borges  
Isaura Santana Fontes  
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro  
Marcos Antonio Vanderlei  
Marcos Aurélio dos Santos Souza  
Marcos Bispo dos Santos  
Marilde Queiroz Guedes  
Maristela Casé Costa Cunha  
Marluce Alves dos Santos  
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira  
Mônica Beltrame  
Nilson Roberto da Silva Gimenes

© 2020 Autora

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.  
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma  
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.  
Depósito Legal na Biblioteca Nacional  
Impresso no Brasil em 2020.

**Coordenação Editorial**

Fernanda de Jesus Cerqueira

**Coordenação de Design**

Sidney Silva

**Revisão Textual e Normalização**

Caique Zen e Mônica Silva | Tikinet

**Diagramação e Capa**

George Luís Cruz Silva

**Revisão Textual de Provas**

Maria Aparecida Porto Silva

**Revisão de Diagramação**

Rodrigo Caiobi Yamashita

**Imagem da Capa**

Freepik.com e arquivo particular da autora

**Ficha Catalográfica**

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

---

Simas, Lorena Santiago

Fotografia e educação: o papel das imagens na (re)produção de representações  
sociais do Semiárido/ Lorena Santiago Simas. – Salvador: EDUNEB, 2020.

146 p.: il..

ISBN 978-65-88211-00-7

1. Fotografia - Educação. 2. Semiárido. 3. Representação social. I. Título.

CDD: 770

---

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

portal.uneb.br

Esta Editora é filiada à



Associação Brasileira das  
Editoras Universitárias

# SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	11
<b>Introdução</b>	15
<b>A imagem fotográfica em nossas vidas</b>	29
<b>Representação do território semiárido de Juazeiro</b>	45
<b>Fotografia, educação e contextualização</b>	59
<b>A fotografia no ambiente educacional construindo outras representações sobre o semiárido</b>	87
A experiência da oficina “Aprendendo a olhar”	88
Olhar fotográfico dos estudantes sobre o semiárido juazeirense	112
Outros olhares sobre o semiárido juazeirense	127
<b>Considerações finais</b>	131
<b>Referências</b>	137

# INTRODUÇÃO

Resultado de uma pesquisa de mestrado, este livro anseia por discutir a inserção da fotografia no ambiente educacional como nova possibilidade de produção de conhecimento, bem como por contribuir com a construção de outras representações sociais sobre o Semiárido brasileiro. O desafio é mostrar como a fotografia pode ser inserida no processo educacional colaborando para a edificação de representações sociais – neste caso, do Semiárido. Para isso, a obra parte do instrumental teórico sobre educação, fotografia, representação social e Semiárido juazeirense e da análise semiótica de fotografias em áreas urbanas e rurais da cidade de Juazeiro (BA) feitas por estudantes do ensino médio.

Esse *corpus* não surgiu de forma eventual, mas é fruto de reflexões e indagações sobre a exclusão da imagem fotográfica como produtora de conhecimento nas escolas e a forma reducionista de representar o território Semiárido como lugar do atraso, a partir das imagens de sol quente, chão rachado, vegetação sem folhagens, população burra e fedorenta – estereótipos inseridos na sociedade, construídos e mantidos de diferentes formas, dentre elas as fotografias veiculadas em livros, jornais e televisão. Segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 30),

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.

Os maiores responsáveis pela imagem estereotipada dessa região foram os políticos, os literatos brasileiros e a imprensa, que principalmente nos anos da chamada “Grande Seca” (1877-1879) deram intensa repercussão à situação, destacando problemas econômicos e desigualdades sociais como dificuldades decorrentes do clima (ALBUQUERQUE JR., 2011). Muitas obras literárias abordaram a problemática da seca como tema principal de seus enredos, como *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Morte e vida severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto, que retratam o Nordeste brasileiro como improdutivo e terra de um povo flagelado.

Como destaca Albuquerque Júnior (2011, p. 33): “O Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder.” Compartilhando essa concepção, Brito e Gomes (2017, p. 8) ressaltam que a arte também é responsável pelos estereótipos criados sobre a região, pois ela “[...] produz e reproduz realidades, e os processos artísticos que tomaram o Nordeste como tema recaem muitas vezes em interpretações regionalistas.” Essas imagens povoaram e povoam o imaginário da população, que as considera verdadeiras, construindo a representação social desse local de forma errônea. As obras

literárias das décadas de 1930 a 1960, de acordo com Albuquerque Júnior (2011, p. 216), tomaram “[...] o Nordeste como o exemplo privilegiado da miséria, da fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país.”

Consequentemente, na literatura o Nordeste se tornou o espaço das vidas infelizes, dos desafortunados que precisam migrar em direção ao sul do país para fugir dos ramos secos, da criação de animais esqueléticos, das casas de taipa e dos tanques vazios. A solução para que esses miseráveis não morressem de fome era partir para o Sudeste, apresentado como libertação daquela vida mesquinha (SIMAS; PAIVA, 2016). E a mídia também contribuiu significativamente para construir essa representação, difundindo apenas imagens negativas da região. Como aponta Albuquerque Júnior (2011, p. 217):

A visibilidade e dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribui realidade. Compõem-se de fatos que, uma vez vistos, escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdade, tomam consistência, criam raízes. São fatos, personagens, imagens, textos, que se tornam arquétipos mitológicos que parecem boiar para além ou para aquém da história, que, no entanto, possuem uma positividade, ao se encarnarem em práticas, em instituições, em subjetividades sociais.

Compreendemos então a força dessas imagens. Elas foram construídas por meio dos mais variados campos, criando um discurso que até hoje se perpetua. É difícil criar outra representação social em torno do Nordeste, do Semiárido, do sertão, pois os meios de comunicação, que deveriam transmitir informações verídicas,

são os primeiros a reforçar os signos estereotipados dessa região. Até mesmo os livros didáticos, considerados instrumentos educacionais, trazem consigo verdades prontas e reafirmam o discurso reducionista sobre o Semiárido brasileiro. Consequentemente, percebe-se a dificuldade dos estudantes em exercitar um olhar crítico sobre a representação social do espaço em que habitam. É necessário, portanto, estimular esse novo olhar ao que é comum, para então iniciar a construção de outras representações.

Assim, na busca por construir outros discursos imagéticos é que se propõe inserir a fotografia no ambiente educacional como linguagem subjetiva sobre o Semiárido juazeirense. Essa inserção possibilita outros olhares e questiona a representação social do lugar a partir da visão dos estudantes, já que a fotografia pode exibir detalhes e despertar sensações e sentimentos, mudando concepções.

Para tanto, problematizamos a representação social dos territórios semiáridos, destacando as percepções de estudantes do ensino médio por meio da oficina “Aprendendo a olhar”, realizada com um grupo de jovens do Colégio Estadual Hildete Lomanto. Além de aprender sobre fotografia (história e técnica), territórios semiáridos e representação social, os estudantes exercitaram a prática fotográfica, registrando diversos locais de Juazeiro, tanto na área urbana (centro da cidade, Orla I e II e Ilha do Fogo) quanto rural (povoado Poço da Onça e Cachoeira do Salitre, localizados a aproximadamente 30 quilômetros da região central de Juazeiro).

A partir do desafio proposto, este livro apresenta o processo de interpretação da realidade social e seu significado como foco principal, aprofundando a compreensão do grupo social estudado (MATIAS-PEREIRA, 2007). Para isso, em um processo autorreflexivo, sujeito e objeto se juntam na busca por elucidar os significados atribuídos a determinados eventos.



A obra se ancora ainda nos principais paradigmas da Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro (Ecsab): a valorização dos saberes locais (a partir do conhecimento dos estudantes, que chegam à escola com uma carga de informações que não pode ser desprezada) e a necessidade de mostrar novas facetas e possibilidades do Semiárido juazeirense, evidenciando que esse território vai muito além do que é exposto na mídia, nas obras literárias e nos livros didáticos. Nesse caso, a imagem fotográfica contribui com a discussão do contexto local, fazendo com que o educando reconheça a si e o ambiente em que está situado. Como apontam Gomes e Rodriguez (2014, p. 23), “[...] estas imagens podem servir para realizar um desalojamento das ideias preconceituosas e estereotipadas, instaurando assim outra visão mais construtiva da realidade.”

Outras questões que permeiam esta investigação são a ideia de pertencimento (o reconhecimento da identidade e da subjetividade) e a autorrepresentação, pela qual o sujeito consegue se identificar com a sua imagem. Ficou claro que os estudantes não se reconhecem nos discursos estereotipados sobre o Semiárido veiculados pelo material didático que, produzido geralmente no Sudeste, apresenta a casa de taipa e o agricultor sofrendo com a falta de água, fortalecendo a imagem desvirtuada do local (REIS, 2010). Como aponta Martins (2011, p. 50):

Pergunte a um aluno do sertão o que ele sabe do sertão e ele lhe dirá o que aprendeu fora da escola. Ou então apresentará uma visão escolar que lhe oferece uma imagem distorcida do seu sertão e de si mesmo, fruto das narrativas curriculares descontextualizadas que têm os livros didáticos descontextualizados como principais ferramentas da prática pedagógica.

Os estudantes não se veem nessa “realidade criada” porque o local onde habitam não é caracterizado apenas pelo chão rachado, por animais esqueléticos, pela falta de água, pela miséria e por outros signos de estereotipia. A maioria mora no espaço urbano desenvolvido do Semiárido juazeirense, banhado pelo rio São Francisco, com tecnologia, empregos e oportunidades de estudo – características reais que destoam das geralmente difundidas.

Considerando essas afirmações, propôs-se aos estudantes que fizessem fotografias para mostrar seu olhar sobre o Semiárido juazeirense. Nesse momento, foi possível trabalhar os paradigmas citados, já que as imagens produzidas mostraram como cada um compreendia a região. Assim, os participantes reconheceram a diversidade do lugar em que vivem e se autorreconheceram. Ao mesmo tempo, discutimos a representação social do Semiárido juazeirense, e foi possível, por meio da fotografia, construir outra imagem do local.

Ancorados na perspectiva de que a fotografia possibilita novas construções e conhecimentos, a pesquisa aplicada – por meio da experiência de uma oficina – foi selecionada como método de trabalho. Influenciadas por diferentes fatores (necessidades reais, características do contexto de estudo, visões de ciência), as pesquisas aplicadas podem buscar respostas, formular teorias, produzir conhecimentos, explorar um fenômeno pouco conhecido, caracterizar um contexto ou uma população etc.

Também foi utilizado um questionário, com perguntas abertas e fechadas, respondidas pelos estudantes para identificar suas concepções acerca da temática, antes e depois das discussões da oficina. Empregou-se ainda a leitura de imagens fotográficas sobre o Semiárido, algumas localizadas em livros didáticos utilizados no colégio, outras produzidas pela autora deste livro e, por fim, oito imagens do Semiárido juazeirense feitas pelos estudantes.

Cada elemento da fotografia foi dissecado em unidades menores, para identificar as significações contidas na imagem. Como propõe Santaella (2012, p. 80),

[...] uma vez diante da fotografia, trata-se de buscar a unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras, enfim, contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar.

É preciso atentar para seus elementos, de que assunto trata, qual seu espaço e tempo, qual enquadramento e recorte da cena; observar a iluminação, planos e contrastes. Também é necessário observar o componente subjetivo, que traz na fotografia vivências e experiências de seu autor, para então compreender as significações expressas na imagem.

Com a transposição do código visual para o verbal, pode haver certa limitação, pois a linguagem verbal acaba reduzindo os significados possíveis em uma imagem. Porém, essa transcodificação é necessária à análise, e se faz também a partir da subjetividade do analista.

As fotografias podem mudar o modo de enxergar as representações sociais, permitindo ao indivíduo representar sua realidade em imagem. Uma vez que se configura como mistura de luzes e sombras que, atualmente, se transformam em imagem visível e interpretável em uma fração de segundo, a fotografia está presente na vida para emocionar, documentar, rememorar, registrar, divulgar, estudar e representar a sociedade imagética em que vivemos.

Diante do exposto, é necessário que o leitor compreenda o que é representação social e como o ambiente educacional a produz. A teoria da representação social foi desenvolvida pelo psicólogo Serge Moscovici, a partir de uma releitura do conceito

de representação coletiva do sociólogo francês Émile Durkheim. Moscovici apresentou a expressão pela primeira vez na década de 1960, em seu estudo sobre representação social e psicanálise intitulado *La psychanalyse, son image et son public*. Esta obra buscou mostrar a inseparável ligação entre indivíduo, grupo e sociedade, evidenciando que, quando uma teoria complexa passa a ser difundida em determinada cultura, tornando-se componente da realidade cotidiana, transforma-se em uma representação social autônoma.

Moscovici (2015, p. 21) definiu as representações sociais como um

[...] sistema de valores, ideias e práticas construídos socialmente, por meio do qual indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo e, também, comunicam-se e constroem um código para nomear e classificar os aspectos do mundo e da sua história individual e social.

Dessa forma, o estudo da representação social focaliza a relação sujeito-objeto, em que o sujeito participa da construção de saberes sobre si e sobre o mundo conforme as informações e significados partilhados no contexto cotidiano em que está inserido e os conhecimentos do senso comum a que tem acesso. Nesse sentido, Nascimento (2015, p. 50) ressalta: “A estrutura social, a comunicação e a cultura são as fontes de interações responsáveis pelas condições de produção e circulação das representações sociais.”

O grande número de informações que os sujeitos recebem acaba interferindo em suas falas, pensamentos, atitudes, opiniões e modos de vida. Nessa rede de comunicação, os indivíduos que compõem a sociedade e partilham informações também

constroem a representação dos objetos ao materializar imagens e atribuir sentidos a elas. Desse modo, a representação social tem uma imagem e um significado, sendo portanto simbólica, construtora, reconstrutora, autônoma e criativa (NASCIMENTO, 2015). E ela é também uma forma de interpretar a realidade, já que implica a construção de percepções dos indivíduos sobre os diversos espaços onde o objeto novo passa por processos sociais e comunicativos, fazendo-se compreender pelo senso comum. Este, por sua vez, é validado pela representação social como conhecimento construído, que orienta a vida diária dos sujeitos.

As representações sociais, portanto, permitem ao indivíduo transformar uma realidade estranha em familiar, guiando sua ação e justificando decisões, posições e condutas adotadas diante de um evento. Essas representações, além de tornar o incomum familiar, relacionam o afetivo, o mental e o social à linguagem, à comunicação e à realidade em que se inserem (JODELET, 2001).

Moscovici apontou dois processos de construção das representações sociais, depois corroborados e discutidos por diversos autores. O primeiro deles é a objetivação, que “[...] une a ideia de não familiaridade com a de realidade, [e] torna-se a verdadeira essência da realidade[...]” (MOSCOVICI, 2015, p. 71). Ela é composta por três fases: 1) construção, que seleciona, descontextualiza e simplifica o objeto de acordo com o conhecimento social existente; 2) esquematização – sintética e formada por imagens vívidas –, responsável por estruturar as relações dos elementos da representação; e 3) naturalização, que alcança a materialidade tornando o abstrato concreto através de imagens, ou seja, o objeto estranho ao sujeito se torna familiar, palpável pela materialização.

O segundo processo de construção das representações sociais é a ancoragem, que

[...] transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. (MOSCOVICI, 2015, p. 61).

Ela incide na assimilação do novo ao que já existe, podendo ser entendida como interiorização de uma estrutura simbólica.

No caso do Nordeste, foi objetivada a seca, tornada conhecida, natural, pertencente aos sujeitos; e a ancoragem a partir do pensamento preexistente da seca estabeleceu uma rede de significações em torno dela, disseminando essa imagem como característica principal do Nordeste, do sertão e do Semiárido. Pois quando o sujeito pensa no Semiárido, ele se reporta aos objetos seca e pobreza e os tem como representação desse local, uma vez que o objeto apresenta relação de simbolização e de interpretação (SIMAS; PAIVA, 2016).

As pessoas que não pertencem a essa realidade se apropriam de uma alocação, criando esse imaginário e tomando-o como realidade. Por outro lado, também há sujeitos que nasceram e cresceram no Semiárido e, muitas vezes, acabam recaindo nesses estereótipos. Isso acontece porque, de acordo com Moscovici (2001, p. 49), “[...] o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos.”

A objetivação e a ancoragem são facilitadas pela comunicação, pois através dela as imagens são difundidas, atingindo um número grande de pessoas que absorvem a informação e a tomam como verdade. Jodelet (2001, p. 29-30) afirma que “[...] a comunicação desempenha um papel fundamental nas trocas e interações que

concorrem para a criação de um universo consensual.” Portanto, comunicação e representação social são inseparáveis.

A comunicação social determina as representações sociais e o pensamento em seus aspectos interindividuais, institucionais e de mídia. Para isso, ela se apresenta em três pontos básicos: 1) transmissão da linguagem; 2) construção dos aspectos estruturais e formais do pensamento social; e 3) formação das representações.

As redes de comunicação são determinantes para esse processo, pois as ideias transmitidas através das mídias edificam a representação de um determinado grupo ou espaço, fazendo que os sujeitos tenham a mesma representação de dado objeto. Dessa forma, a representação social se torna algo comum a um grupo de pessoas. Como expõe Moscovici (2001, p. 63), “[...] cada vez que um saber é gerado e comunicado torna-se parte da vida coletiva.”

A área educacional é um campo rico para pesquisar representações sociais, pois fornece informações para compreender os mais variados objetos de estudo, com diferentes possibilidades de aplicação. Isso acontece porque a educação é uma prática sociocultural, e sua base está nas inter-relações pessoais e na disseminação de conhecimentos adquiridos em tempos e espaços distintos.

No ambiente escolar, é preciso compreender processos que envolvem aspectos psicológicos e sociais, e a teoria da representação social se adequa a essa situação. Conhecer os significados atribuídos pelos diferentes sujeitos que integram o espaço escolar pode ajudar a lidar com os conflitos que se estabelecem e a compreender as relações de pertencimento de um grupo, seu comportamento e autorreconhecimento dentro e fora da escola.

Assim, no ambiente escolar, há uma imensidade de representações sociais, sobre diversos temas, formadas antes mesmo da

aproximação com a escola, pois diferentes campos/grupos da sociedade influenciam essa construção. A referida teoria busca entender o pensamento do indivíduo, que “[...] é influenciado pelo seu grupo de pertença, pelas regulações internas e externas, pelo contexto social, político, econômico e cultural e por suas próprias experiências [...]” (ENS; DONATO; RIBAS, 2015, p. 176).

Desse modo, compreendemos que as representações sociais têm uma relação inerente com a educação, já que exercem influência sobre ela e, além de explicar aspectos da realidade, fazem parte dela. Estudá-las no campo educativo consiste em apreender como são formuladas, considerando as diferentes influências que as compõem (ENS; DONATO; RIBAS, 2015).

A teoria das representações permite entender fenômenos educativos ao elucidar a íntima ligação entre comunicação, linguagem, imaginário social e orientação em práticas sociais. Assim, é possível entender como se constrói o discurso imagético do objeto, se os indivíduos se reconhecem na imagem criada e como designar outra representação social.

Nesse caso, analisamos imagens estereotipadas do Semiárido juazeirense e de sua população em contraponto a imagens produzidas por estudantes do ensino médio como resultado da oficina “Aprendendo a olhar.” Esse processo pode ser um início para a construção de outras representações sociais sobre a região, destacando que estas são instrumento fundamental para analisar o campo educacional.

A seção “A imagem fotográfica em nossas vidas” apresenta um panorama da história da fotografia e dos silêncios a ela impostos pela incompreensão de sua aplicabilidade, bem como suas principais



questões éticas e estéticas. Também são tecidas reflexões sobre a edificação do poder da fotografia na contemporaneidade.

Na sequência, a seção “Representação do território semiárido de Juazeiro” caracteriza a região em que o estudo foi produzido para que o leitor conheça o contexto local e compreenda a importância de construir outra representação social desse território, marcado por discursos imagéticos estereotipados.

A seção “Fotografia, educação e contextualização” começa apresentando a imagem fotográfica no ambiente educacional, destacando seu caráter não verbal e sua potência como produtora de conhecimento e potencializadora do pensamento crítico. Em seguida, a discussão se volta à Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro e suas diretrizes, que estimulam uma relação mais íntima entre as experiências/conhecimentos dos estudantes e os conteúdos ministrados em sala de aula, bem como uma nova definição para o Semiárido e suas peculiaridades.

Em “A fotografia no ambiente educacional construindo outras representações sobre o Semiárido”, o leitor é convidado a redefinir sua prática de leitura de imagem, acompanhando o passo a passo da investigação imagética e conhecendo as fotografias produzidas pelo grupo de jovens participantes da pesquisa.

Nas “Considerações finais” são retomadas as principais questões abordadas no livro, a fim de que o leitor atravesse fronteiras e descubra os benefícios da fotografia como recurso pedagógico nas práticas de ensino-aprendizagem e sua potência na (re)produção de representações sociais.